

Biblioteca Anarquista



# Os Sofrimentos dos Críticos do Ego

Errico Arrigoni

Errico Arrigoni  
Os Sofrimentos dos Críticos do Ego  
Década de 1920

Enemies of Society; originalmente publicado em Eresia

[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)

Década de 1920

“O que é um eu?” pergunta Karl Marx. “Não é uma abstração de um complexo de relações sociais, de eus em relação?”

Haveria relações sem os eus? Se o eu é uma abstração, o que Karl Marx usa para construir seu Estado? As relações ou os eus? O que é concreto e o que é abstração? Sem os eus, não há relações, não há Estado, não há... nada.

“O eu é um nós, uma colônia de células, uma orquestra de instintos herdados,” diz Victor Basch. “O eu particular não tem valor... Ele existe apenas por e em outros eus com os quais forma uma nação, uma sociedade, um Estado.”

O indivíduo não afirma ser o eu da célula, mas o eu formado por uma colônia de células. Que um eu seja formado por instintos herdados não muda nada.

Ainda é o meu eu, formado por todos os instintos que o compõem.

Ainda é único e transitório, pois nenhum outro eu é como o meu.

Sou um mundo em mim mesmo, um mundo único, em circunstâncias diferentes.

Como sou meu exclusivo eu, sob quaisquer circunstâncias e a qualquer momento, pergunte-se:

As células existem por causa do corpo? Os músicos por causa da orquestra? Os ovos por causa da omelete? Os indivíduos por causa do Estado?

Quem veio primeiro?

O indivíduo, sendo um corpo, não pode ser dividido, adicionado ou subtraído, porque então ele deixaria de ser um indivíduo inteiro.

O Estado e a sociedade podem ser divididos, adicionados e subtraídos, porque não são corpos – são apenas composições artificiais, abstrações.

Tente fundir muitos eus para formar um super eu, um Estado, uma sociedade. Não pode ser feito. O indivíduo não pode ser dissolvido.

Encadeie milhões de indivíduos para formar um Estado ou uma sociedade. Eles ainda permanecem mundos diferentes, um conglomerado de indivíduos escravizados, esmagados, talvez semelhantes, mas ainda mundos inteiros em si mesmos.

Destrua o indivíduo e não haverá mais Estado ou sociedade.

Destrua o Estado, dissolva a sociedade, e o indivíduo sobrevive, porque os indivíduos são os ingredientes insubstituíveis que formam um Estado ou sociedade.

Uma coleção de indivíduos obedientes e tiranizados é apenas um rebanho de ovelhas.

“O indivíduo,” diz Bakunin (E o que ele está fazendo aqui entre os inimigos do indivíduo? Confortando os autoritários?) “é um produto da sociedade, e sem sociedade o homem não é nada.”

Vejamos... E sem indivíduos a sociedade seria algo? Não existiria, nem o Estado. De acordo com descobertas antropológicas feitas na Abissínia há apenas alguns meses, o homem parece ter mais de 3 milhões de anos. Originalmente viveu sem uma sociedade organizada durante a maior parte desses anos e praticamente em isolamento, já que havia tão poucos seres humanos. E essas relações primitivas – quantos anos têm? 20.000; 50.000; 100.000 anos? Mais uma vez, o indivíduo é o que é real.

“A sociedade veio primeiro,” diz Kropotkin (Ele também se perdeu entre os inimigos do indivíduo?)

Deixemos claro que Stirner não é contra a sociedade, nem prega o isolamento, já que a “união de egoístas” também é uma sociedade. Ele é apenas contra certos tipos de sociedade: as forçadas, as codificadas, as autoritárias. A essas ele opõe as livres, as voluntárias, que são a união de egoístas.

“A sociedade dos animais precedeu a dos homens,” acrescenta Kropotkin.

Claro, já que muitos animais existiam centenas de milhões de anos antes do desenvolvimento do homem. E, como os animais devem ter buscado proteção sob árvores ou em cavernas contra o mau tempo (posteriormente acompanhados pelo homem primitivo), encontraram-se em companhia. Em resumo, por conforto físico e psicológico, estavam em sociedade com outros animais.

Mas essa “sociedade” tinha moral? Tinha leis para tiranizá-los? Tinha sanções? Havia forças policiais, coletores de impostos, serviço militar, prisões, a maldição dos capitalistas, comissários, sacerdotes, deuses, estados, igrejas?

Não, eram simplesmente sociedades de egoístas livres, encontrando-se principalmente por acaso, já que precisavam vagar em busca de alimento, e na maioria dos casos, talvez, os mesmos animais nunca se encontrassem uma segunda vez.

Stirner não é contra o altruísmo. Quem pensa que é altruísta, que seja. Isso não incomoda Stirner. Ele pensa, primeiro, que na maioria das ações humanas o verdadeiro altruísmo raramente é encontrado, porque o

egoísmo inconsciente sempre aparece por baixo dele; segundo, que apelar ao altruísmo é o caminho errado para tentar alcançar a emancipação de todos os indivíduos; terceiro, que o interesse próprio consciente, baseado em contratos livres, é realmente o melhor e mais seguro caminho para construir uma sociedade livre, harmoniosa e justa para todos.

“O eu de hoje,” diz Sidney Hook, “é diferente do eu de ontem... porque o eu é um eu diferente em diferentes condições... O eu é uma abstração, porque não há um eu absoluto... Em um eu há muitos eus concentrados.”

Que descoberta! E, assim, meu corpo de hoje não é mais meu corpo de ontem? E de quem é o corpo? Quem representa meu eu de ontem, o representa hoje, ou o representará amanhã?

Não sou mais eu porque a cada minuto alguns milhões de células morrem em mim, e são substituídas por novos milhões de células?

Um eu em mim, em você, morre a cada instante, e ainda assim somos eu e você e mais ninguém. E nunca pode ser de outra forma.

Estamos sempre morrendo, mas sempre vivendo, como eu e você até que nossos corpos se desintegram e desapareçam no nada. O nada de um eu morto, um indivíduo morto.

Existem apenas eus transitórios, cada um nascido com cada indivíduo, e desaparecendo com cada indivíduo.

O eu absoluto? Uma fantasia! Stirner não reivindica um eu absoluto, porque isso seria outro espectro, uma criatura nascida do pensamento de um indivíduo, fingindo depois ser um corpo acima dele, algo “sagrado,” uma divindade.

Existe apenas o eu transitório de mim, de você – não dois, nem vários. Mas, se não são absolutos, são únicos.

E apesar de todo o ódio que os autoritários sentem pelo indivíduo rebelde e iconoclasta, ninguém pode exterminá-lo... e sobreviver.

O indivíduo está aqui para ficar. Assim como o individualismo.

Sem individualismo, sem anarquia. Porque, então, não haveria liberdade real – apenas um rebanho de indivíduos domesticados, escravizados, não importa como o chamemos.